

*A paulicéia no ar A expansão da radiofonia  
na Cidade de São Paulo: 1920/1940*

MARIA INEZ MACHADO BORGES PINTO  
USP

RESUMO:

Este artigo procura compreender como o estudo da expansão do rádio é fundamental para analisar o impacto das novas tecnologias de comunicação social sobre os grupos urbanos.

Palavras-chave: Rádio - novas tecnologias de comunicação social - urbanização.

ABSTRACT:

This article search to understand how the study of the radio expansion is fundamental for analyse the impact of new technologies of social communication about the urban groups.

Key words: Radio - new technologies of social communication - urbanization.

**O** ESTUDO DO RÁDIO NA CIDADE DE SÃO PAULO se faz importante para a compreensão do fenômeno da chamada indústria cultural nesta sociedade. Trata-se, portanto, da análise da gênese do rádio inserido nas transformações urbanas de São Paulo. Cuida-se, enfim, da relação entre o “aparelho radiofônico” e a expansão da “Paulicéia Desvairada”. Pretende-se,

ainda, realizar um estudo do impacto das novas tecnologias de comunicação social sobre os grupos urbanos.

A história social das mentalidades ambientou o cenário destas variações. E o período histórico escolhido torna o tema mais instigante, pois foi nos anos 20 e 30 que além de significarem o momento do advento e expansão do rádio, deu-se o que se convencionou chamar de a inserção compulsória do Brasil na modernidade<sup>1</sup>.

Trata-se, ainda, da história de um veículo de comunicação que passou de uma extensão da cultura letrada das elites para a ampla difusão nas camadas da população urbana, adquirindo, assim, características do que se chamou de um dos meios da cultura de massas. Na década de 30, para usar a expressão de Muniz Sodré, “o rádio já era mania nacional”<sup>2</sup>. O rádio no Brasil tem sido visto, quase sempre, sob uma ótica globalizante, neutralizando seu papel em sentido regional. Corriqueiramente, a proposta é de que o rádio carioca, porque localizado na antiga capital federal, seria o representante do papel radiofônico brasileiro. Nesse sentido, merece destaque o papel do rádio paulista diferenciado do conjunto nacional.

### **Um rádio tipicamente paulista**

A PROPOSTA É FAZER DA HISTÓRIA DO RÁDIO na cidade uma antena metafórica capaz de captar os elementos da modernidade na paulicéia. Modernidade manifestada não só na disseminação das inovações tecnológicas, mas, principalmente, englobando as ambigüidades de uma cidade com profundos traços provincianos e cosmopolita, em acelerado processo de metropolização e com profundas desigualdades sociais.

Uma temática central cadente e notável parece, portanto, ter emergido do levantamento incipiente do conjunto documental: a descoberta da gênese e das virtualidades de um rádio marcadamente paulista, retratando tipos humanos, cenas de rua, de um cotidiano típico da cidade, ainda que com fortes raízes cosmopolitas.

Esse rádio paulista tem sua gênese na própria fundação da “radiotelefonía” na cidade, mas se manifestou de forma mais acentuada a partir do movimento “constitucionalista” de 1932: por ser expressão da oligarquia, o movimento de 1932 resgatou antigos símbolos caros ao “espírito paulistano”. Estes símbolos tornaram-se mitos e se reforçaram com a consolidação de uma radiodifusão paulista.

Depara-se, portanto, com um paradoxo instigante. Um meio de comunicação de massas, com um projeto de integração nacional e de grandes espaços, transforma-se no porta-voz de um localismo provinciano exacerbado.

Nesse sentido, torna-se relevante entender como o rádio, um meio de comunicação moderno, serviu para veicular propostas ideológicas de uma classe com fortes matizes conservadores. O moderno meio de comunicação foi facilmente absorvido pelas necessidades políticas conservadoras.

### **Rádio e Cotidiano: Os primeiros tempos da rádio na cidade.**

O RÁDIO COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO de massas teria organizado e reordenado parte do cotidiano de amplos contingentes sociais no espaço da cidade. A partir dessas considerações, objetiva-se destacar como o rádio toma parte na própria vida dos indivíduos<sup>3</sup> e para isso ele lança mão de uma “linguagem particular, complexa, multifária, mixordiosa, com palavras, ditos sintaxes de todas as classes, grupos e comunidades”<sup>4</sup>.

O rádio invade a vida cotidiana para reproduzi-la segundo determinações e interesses dos grupos detentores da posse deste meio de comunicação, ao mesmo tempo em que a vida cotidiana envolve o rádio colocando-o como parte de seu estilo de vida<sup>5</sup>.

Como parte do processo de modernização interessa-nos analisar o processo pelo qual o rádio surge na cidade nos inícios dos anos 20. A formação da Sociedade Rádio Educadora Paulista havia sido efetivada no dia 30 de novembro de 1923. Entre a formação da Sociedade e a determinação para “que se iniciassem demonstrações públicas com irradiações da estação ‘Rádio Bandeirantes’<sup>6</sup> (...)”, passaram-se 3 meses. Somente em Fevereiro de 1924 a Rádio Educadora fez as primeiras experiências de transmissão radiofônica.

Trata-se de analisar, na verdade, uma fase de experiências lúdicas e técnicas a um só tempo. Enquanto nos Estados Unidos o rádio já podia ser considerado um meio de comunicação de massas, no Brasil o rádio era produzido e usufruído por uma pequena parcela da sociedade. Se a cidade se transformava, absorvendo o impulso vindo da expansão de sua economia conectada com o mundo ocidental capitalista, o rádio tendia a seguir o mesmo caminho.

No dia 18 de junho de 1924 fundava-se a Rádio Club de São Paulo<sup>7</sup>. As primitivas estações de rádio se organizavam sob a denominação jurídica de sociedades ou clubes. Isso porque o suporte material das emissoras vinha de mensalidades pagas pelos sócios, chamados rádio-amadores. Havia um tipo de

fidelidade que poderia ser chamada de partidária, uma espécie de espírito de corpo por assim dizer: um sócio de uma determinada sociedade de rádio só ouvia aquela emissora.

O fato de a legislação proibir a veiculação de propagandas pelo sistema de “radiotelegrafia” obrigava as estações a se valer deste recurso para sua sustentação financeira, o que tornava a prática do rádio-amadorismo restrita a pessoas de posse. No caso específico da Rádio Club de São Paulo, não se tratava, inicialmente, de uma estação transmissora, mas, sim, de um clube onde os sócios se reuniam para ouvir a transmissão da única emissora existente na cidade ou de emissoras estrangeiras.

Num primeiro momento, um dos caminhos para usufruir os prazeres de se ouvir uma programação de “radiotelegrafia” era freqüentar um desses clubes possuidores de aparelhos receptores. O valor oferecido em agosto de 1924 era de 1:200\$000 réis a “preço de reclame”. Considerando-se que uma família de trabalhadores composta de 5 pessoas, moradora no bairro de Pinheiros, recebia 500\$000 réis por mês<sup>8</sup>, pode-se deduzir que poucos tinham acesso a esse novo bem de consumo durável.

A radiodifusão não pode ser interpretada como de “pouco interesse da própria sociedade global” pela quantificação de emissoras. O que importa é que o rádio surgiu do turbilhão envolvente da modernidade.

#### **As primeiras Transmissões Radiofônicas: Experimentalismo e improvisação**

O RÁDIO AINDA NÃO TINHA IMPORTÂNCIA SUFICIENTE para ter um espaço próprio nos jornais da cidade. As transmissões eram feitas às terças, quintas e sábados. Havia um tipo de expectativa curiosa entre o restrito número de possuidores de aparelhos. Os fones nos ouvidos e a habilidade necessária para captar a única estação existente, apesar do caráter precário, experimental e socialmente pouco absorvível. Objetiva-se estudar, então, como as primeiras transmissões radiofônicas faziam com que o rádio começasse um processo de interação com a cidade.

Do cotidiano, o rádio já buscava material para suas programações. Deve-se levar em consideração que estas primitivas programações não passavam por um processo elaborado de produção, isto é, não havia propriamente um trabalho de estúdio, com programa previamente elaborado. Havia, é claro, um roteiro baseado na idéia de rádio educativo, cultural e informativo.

Nos Estados Unidos, o ouvinte poderia escolher uma entre as 382 estações de rádio em funcionamento<sup>9</sup>, enquanto que no Brasil a escolha se reduzia-se a

9 estações. A cidade de São Paulo possuía somente a Rádio Educadora Paulista como estação transmissora que tinha uma programação definida e alternada durante a semana. Nas palavras de Monteiro Lobato, “até os Fords e Rockfellers, por maiores negócios que estejam conduzindo, interrompem-nos às sete horas para se inteirarem de mais um pedaço da vida de dois negros”<sup>10</sup> através das ondas do rádio. Notável o fato de Monteiro Lobato ter-se detido no registro do fenômeno radiofônico norte-americano. Isso não só o coloca na questão das transmissões radiofônicas como expressão da modernidade, como também remete à reflexão da idéia de progresso, na qual o rádio faria parte essencial.

Interessa-nos analisar, sobretudo, como no Brasil o rádio só se transformou em “mania nacional” nos anos 30<sup>11</sup>. No Brasil, o sistema de radiodifusão já era controlado e ligado ao monopólio estatal antes mesmo de sua existência no sentido histórico, isto é, antes de ser socialmente absorvido e conhecido. Nos Estados Unidos, a radiodifusão surgiu atendendo a interesses econômicos empresariais, sendo socialmente absorvida.

Para a radiodifusão norte-americana, o Estado surgia como regulador do “conflito” da iniciativa privada somente depois que esta havia iniciado as atividades ligadas ao rádio. No Brasil, a limitadora lei de 1917 foi seguida de outra, o decreto número 16.657 de 5 de novembro de 1924 que, segundo Roquette Pinto, “estabeleceu normas para a prática do TSF (telefonia sem fio) por sociedades civis, sem fins lucrativos, sendo proibida a veiculação de publicidade”<sup>12</sup>. Ainda assim, a radiodifusão ficava limitada ao campo das experiências lúdico-científicas, usufruto de pequena parcela da elite da sociedade.

Assim como já foi assinalado anteriormente, nossas pesquisas pretendem evidenciar como a radiodifusão paulista foi, em seus primeiros momentos, uma manifestação amadorística e, de certa forma, imbuída de um conceito “de cima para baixo” de cultura. Um conceito que poderia ser subentendido já no projeto inicial de Roquette Pinto: “todos os lares espalhados pelo imenso território do Brasil receberão, livremente, o conforto moral da ciência e da arte”<sup>13</sup>. Sem dúvida, um ponto de vista “salvacionista” de educação e cultura. Alguns anos mais tarde, já em pleno Estado Novo, um de seus ideólogos teceu considerações sobre a radiodifusão, valendo-se, inclusive, de uma citação de padre Manuel de Nóbrega. Quando Álvaro F. Salgado conclui que “a rádio encontra nessa arte o meio mais simples de educação”, refere-se explicitamente à utilização do moderno meio de comunicação como forma de atrair à civilização os “brancos” e “rudes” habitantes das cidades. Não era outra a situação do rádio em São Paulo e no Brasil nos seus momentos iniciais. Nesse sentido, cabe

destacar como a programação da Rádio Educadora, por si só, poderia ser um indicador dessa postura de um conceito de cultura de elite: das conferências de linguagem empolada aos concertos e óperas, a emissora distanciava-se bastante da realidade popular paulista na década de 20.

O fato de a criança ser incluída na programação de rádio, revela a atenção dada ao aliciamento de novos ouvintes. Certamente a criança, ao ser envolvida nos apelos radiofônicos, exigiria uma postura familiar que aceitasse o rádio. Em outras palavras, o rádio passava a ser incluído nos hábitos familiares, ao mesmo tempo em que a presença da “máquina” na casa implica numa maneira diferente de se usar o lar.

### **Radiodifusão e remodelação urbana.**

É ESSENCIAL APROFUNDAR COMO A TRANSFORMAÇÃO do espaço urbano na capital paulistana envolvia sutilmente a radiodifusão. A implantação e o crescimento deram-se, contudo, de forma lenta, num aparente paradoxo com a velocidade presente em São Paulo. Apesar da radiodifusão merecer certas atenções da imprensa, as celebrações natalinas do ano de 1924 ganhavam um peso maior e suficiente para ofuscar a pálida programação da nascente radiodifusão paulistana.

Vale mencionar nosso interesse em ressaltar como a Rádio Educadora, apesar de dedicar parcela de seu tempo à música popular, era, sem dúvida, uma emissora que, em sua programação de música clássica e suas cotações da Bolsa de Cereais, demonstrava suas origens numa aristocracia agrária eivada de uma pretensa cultura européia.

O rádio ia constituindo uma relação mais direta com os ouvintes através de outra máquina: o telefone. Os possuidores de rádio que desejassem ouvir determinada música de sua preferência, deveriam telefonar para a emissora que, por sua vez, atenderia seus pedidos. Para a realidade radiofônica atual não têm significado maior, pois a prática da relação ouvinte-emissora de rádio, através do telefone, é uma das formas mais usuais de programa musical. No entanto, na gênese do rádio paulista, a ligação telefônica entre o ouvinte e a emissora já indicavam formas de aumentar a audiência. Certo que se deve considerar que, ainda assim, era bastante restrita a expansão da radiodifusão, oferecendo opções de audiência maior através dos pedidos por telefone. Isso porque deve-se considerar que em uma cidade de, aproximadamente, 700 mil habitantes, existia somente 22 mil aparelhos telefônicos.<sup>14</sup>

Apesar do crescimento da presença do rádio na vida dos paulistanos, sua expansão encontrava limites numa prática cultural de raízes coloniais. Na

Semana Santa do ano de 1925, a Educadora irradiou, durante um dia, músicas especiais para a “efeméride” e no ano seguinte, acompanhando a tendência de toda a cidade, não houve irradiações<sup>15</sup>. Não havia, no rádio paulista, uma conduta sistemática e planejada. Foi em parte em decorrência dessa situação assistêmica que o rádio paulista foi ganhando características próprias.

A cidade de São Paulo passou a contar com outra estação. A Rádio Clube de São Paulo, que até meados de 1925 funcionava somente como um “clube de ouvir-se rádio”, passou a fazer experiências com a transmissão de uma emissora de baixa frequência. O ouvinte amador, no sentido de quem se dedicava por prazer à “radiocultura” e não profissionalmente, era tratado tanto pela crônica especializada como pelos revendedores de aparelhos como aficionados de uma verdadeira arte.

É importante evidenciar que somente de forma indireta o rádio paulista estava ligado a interesses econômicos dos empresários de São Paulo. Não havia nenhuma coincidência na utilização da única estação de rádio existente para transmitir as cotações de câmbio e da bolsa de Mercadorias. Metaforicamente, pode-se dizer que os cafeicultores e empresários estavam em sintonia com a Rádio Educadora Paulista. Como a relação era indireta, isto é, os empresários não utilizavam os serviços da rádio para veicular propagandas de seus produtos, a Educadora valia-se de recursos de seus associados para se manter e se expandir. Aqui reside uma importante contradição, que mereceria uma análise mais apurada no decorrer de nossas pesquisas: a expansão do rádio acabou por encontrar no montante de contribuições de seus associados, limites para o incremento de novas técnicas. Para superar este limite econômico-financeiro, o rádio precisaria vender seus serviços potenciais para a propaganda, entrar no mercado, enfim; mas o rádio, estruturado como estava, resistiria ainda um pouco mais às pressões para se comercializar.

A cidade sentia, cada vez mais, o peso das transformações decorrentes de um sistema econômico de acentuado dinamismo que engolfava as individualidades numa crescente multidão. Isto mudava o perfil da cidade provinciana em uma metrópole cosmopolita. Multidão que sentia as inadequações de uma cidade de expansão mal planejada – os transportes urbanos, ônibus e bondes eram alvos de constantes críticas por parte dos usuários através dos jornais. A cidade sentia as inadequações de um sistema político vigente no país e que já estava sendo alvo da crítica da oposição e da parte dos militares. Estes continuavam tentando a via armada para as mudanças reclamadas. Os políticos, mesmo alguns mais tradicionais, tentavam a via legal para contestar o monopólio do poder exercido pelo governo federal.

A cidade agitada guardava, ainda, as lembranças da revolução de 1924 e dos acontecimentos políticos que envolviam o país desde 1922. No entanto, o rádio parecia alheio à crescente temperatura do ambiente político militar.

### Ampliação do circuito de difusão do rádio

PERMITINDO-SE UMA PARÓDIA À PROPOSTA TEÓRICA de McLuhan de que o rádio seria um meio quente de comunicação, o rádio parecia “frio” diante dos acontecimentos político-militares que envolveram o país. Ele (o rádio) agia com frieza no começo dos anos 20. A fragilidade deste meio de comunicação em fase de crescimento poderia ser notada nas próprias dificuldades técnicas diante de condições naturais adversas: no dia 7 de março de 1926 não houve irradiações devido às más condições atmosféricas. Exigir do rádio uma participação mais direta na vida política do país seria exagerado, porque nem mesmo os problemas técnicos ele conseguia superar.

É de suma importância avaliar como era notável o crescimento de programas que poderiam ser chamados de utilidade pública. Palestras sobre lepra, pronunciadas por professores da Faculdade de Medicina. Conselhos para se evitar a febre tifóide. E aulas de Inglês. Sem dúvida, o rádio foi e continuou sendo identificado por programas musicais. Um meio de comunicação que veicula basicamente música. E nesse sentido, mesmo em suas origens, o rádio pode ser considerado um veículo promocional de interesses econômicos na medida em que os discos poderiam ser comprados depois de popularizados pelo rádio. No entanto, cabe destacar que o rádio se abria para uma programação mais utilitária e pressupondo uma penetração em proporção crescente no meio dos ouvintes.

No dia 25 de setembro de 1926, a Rádio Educadora Paulista inaugurava um programa, cujo título tentava minimizar o ar sisudo e solene que a emissora imprimia em sua fala: *Noitadas Brasileiras*, “primeira de uma série em que os senhores amadores terão a ocasião de apreciar músicas características brasileiras e estrangeiras”<sup>16</sup>. O programa dedicado às crianças, com inovações dava continuidade à linha mais flexível que a emissora estava adotando.

São Paulo não se igualava ao Rio de Janeiro em número de estações, mas igualava-se e até mesmo superava no que se refere à potência dos transmissores. As possibilidades da radiodifusão achavam-se próximas de um ponto de viragem que a transformaria em meio de comunicação de massas, dominando a metrópole.

Se o corpo urbano paulistano sentia no cotidiano a tênue presença do rádio, setores específicos eram gradativamente integrados, visando a uma maior participação do rádio na vida diária. Isso ocorreu com o plano de colocação de aparelhos receptores em hospitais.

Trata-se de ressaltar como o rádio, nesta fase, cumpria um papel ambíguo, conjugando pactos com a elite que o sustentava e “seduções” com a massa que haveria de ser seu definitivo apoio. Assim, o rádio paulista assumia aspectos “paternalistas” afetivos, traçando caminhos comuns a públicos variados. Começa-se a falar de um rádio terno, amigo e quente.

### O Rádio numa Conjuntura de Grandes Tensões Sociais e Políticas

O GOVERNO DE ARTUR BERNARDES foi inaugurado com o Estado de Sítio, que se estendeu de 1922 até fins de 1926. Estado de Sítio, inflação, déficit orçamentários, queda da exportação e as rebeliões dos jovens oficiais. Qualquer manifestação de oposição era reprimida, o que praticamente impedia o uso de hábeas corpus. Com o já conhecido levante de julho de 1924 em São Paulo, a cidade perdia um pouco mais de seus ares provincianos e ganhava foros de palco de acontecimentos nacionais.

Nesse contexto pode-se notar que o rádio ganhava cada vez mais características de um “meio quente”, superando a relativa frieza inicial. E, por isso mesmo, fizeram-se novas experiências de transmissões. O sistema de irradiações em cadeia era uma experiência que as rádios do Rio e a de São Paulo já tinham tentado algumas vezes. Estas experiências tinham como objetivo testar a possibilidade de uma integração das emissões. No ano de 1924, quando o governo Vargas demonstra ter a sensibilidade para perceber o potencial de arregimentação social e político do rádio, em cadeia nacional, foi violentamente contestado pelas emissoras paulistas.

É importante ressaltar como a Rádio Educadora estava expandindo cada vez mais suas condições técnicas. Parecia, no entanto, estar se aproximando dos limites “naturais” que o suporte econômico, vindo de seus associados, poderia oferecer. Reclamava, por isso, maior apoio político e financeiro ao seu trabalho em favor da radiodifusão em São Paulo.

No começo do ano de 1927, a cidade demonstrava os problemas decorrentes de seu crescimento desordenado, vivendo simultaneamente as aflições da crescente tensão e contradições da época. O sistema de correios recebia críticas por parte da população que reclamava de sua morosidade, estruturando-se como

um meio de comunicação que não acompanhava a metropolização da cidade. Os veículos motorizados em número crescente davam à cidade um aspecto de movimento que antes não era tão notável. Os pedestres reclamavam que os carros os impediam de se locomoverem livremente numa disputa pelo espaço entre automóveis e seres humanos. Ao mesmo tempo o automóvel parecia incutir nas pessoas uma liberdade de locomoção desconhecida anteriormente. Esta liberdade era evidente nos noticiários, que destacavam os constantes feitos das travessias atlânticas executadas por pilotos solitários. A atenção do paulistano se voltava mais e mais para a velocidade e a diminuição do tempo gasto no percurso de determinadas distâncias, não importando se essa distância fosse entre um bairro e outro da cidade, ou entre continentes.

A modernidade provocava reações do tipo “mito nostálgico de um pré-moderno Paraíso Perdido”<sup>17</sup>. Mas essa nostalgia ia sendo engolfada pelo avanço da metrópole criando, simultaneamente, mais problemas e mais oportunidades de usufruir os efeitos da modernidade.

São Paulo parecia vacilar entre perspectivas do futuro e a preservação do passado. A nostalgia do “paraíso perdido” pré-moderno era paradoxalmente superada no momento em que o autor anônimo da crônica do jornal O Estado de São Paulo em 1927 remetia-se a uma São Paulo que era a “paulicéia americanizada e fulgurante”<sup>18</sup>. As fronteiras da cidade alargavam-se. A eliminação e a anulação das fronteiras é inerente à modernidade. E essa anulação de fronteiras atingia também o moderno meio de comunicação de massas que era o rádio, retirando-o do aspecto restrito da cidade.

Entretanto, entre outras questões, torna-se importante investigar como os problemas técnicos parecem ter sido uma das razões que o rádio brasileiro teve de enfrentar, principalmente em relação ao clima. Não se podem minimizar as dimensões dos obstáculos encontrados na época.

A veiculação de propaganda pelo rádio era proibida, segundo as restrições impostas pela legislação de 1917 – e principalmente a de 1924. No entanto, interessa-nos verificar como esta situação não poderia ser contida por muito tempo. Havia um movimento subjacente que sugeria o aparecimento da propaganda pelo rádio. Uma palestra de higiene ocular, por exemplo, poderia sugerir algum produto que era comercializado. A menção de determinada música poderia sugerir a compra de determinado disco. A única estação de rádio da cidade parecia não necessitar de maiores recursos, além dos que vinham das contribuições de seus ricos sócios. De um lado, a legislação que proibia a veiculação de propagandas comerciais e, de outro, a própria filosofia que norteou

a fundação da radiodifusão no Brasil<sup>19</sup> fazia os dirigentes da Sociedade Rádio Educadora Paulista a não levarem em conta a perspectiva de outra fonte de recursos para sua expansão. No entanto, o progresso da técnica e o aparecimento de outras emissoras na cidade viriam a reverter essa posição.

O ano de 1927 deu à cidade mais uma estação de rádio. Em maio havia sido fundada a Sociedade Rádio Cruzeiro do Sul, com o prefixo SQBO, atuando na faixa de onda de 225 metros. No começo funcionou experimentalmente, e em outubro passou a operar mais regularmente.

A Rádio Cruzeiro do Sul passou, pouco tempo depois de sua fundação, para as mãos da família Byington, conhecidos empresários que atuavam na área de importação e comercialização de rádios e peças. Isto significa, enfim, que comerciantes de aparelhos radiofônicos receptores possuíam uma estação emissora. Era o início de uma corrente indutora que estimulava a transformação dos ouvintes em consumidores potenciais de produtos que não eram anunciados diretamente.

### **Radiodifusão e Modernidade**

NOS ÚLTIMOS MESES DO ANO DE 1927 e nos primeiros do ano seguinte, a cidade passou por uma fase de maior sensibilidade pela incorporação de novos projetos de metropolização vencendo o que poderia ser chamado de obstáculos provincianos à remodelação urbana. Mário de Andrade, dois anos antes, captou este momento de transição, entre os traços da cidade bucólica de raízes rurais com os aspectos violentos da modernidade da metrópole.

A cidade se remodelava para dar passagem a um crescente número de veículos. As mudanças rápidas do perfil da cidade sensibilizaram Antônio de Alcântara Machado, para quem “as ruas de São Paulo não envelhecem. Não tem tempo de envelhecer. (...) Aqui as casas vivem menos que os homens”<sup>20</sup>. As ruas e as casas não envelheciam e davam lugares a novas casas e a novas ruas que absorviam uma multidão crescente. No entanto, um cronista da época afirmava no jornal *O Estado de São Paulo*, em 17 de abril de 1928, que “para os habitantes de uma terra progressista, recordar o passado é agradável e útil (...)”<sup>21</sup>. Numa perspectiva em que manter nostalgicamente, pelo menos, recordações ainda que efêmeras, parecia ser um ato de resistência.

A tentativa de preservar era superada pelo imperativo do progresso, mais atraente do que o passado. Falava-se com um misto de angústia e admiração sobre as demolições. Na visão apologética dos contemporâneos, essa “beleza

nova” não atingia a cidade como um todo, mas, principalmente, um setor da cidade escolhido para ser “o bairro novo e arejado, a moldura adequada à nossa casa nova e arejada e a nossa vida nova e arejada”<sup>22</sup>. Recriava-se uma concepção de cidade voltada para as classes abastadas, sequiosas de seguir a estética e o modelo urbanístico europeu e esta classe se proclamava portadora de uma concepção de “higiene dos povos vividos”<sup>23</sup>. Dessa forma, a região dos jardins, que se conectava com o centro da cidade pela nova avenida do Anhangabaú, ficava imune da miscelânea sócio-racial que marcava o Brás. Barra Funda, Bexiga e Bom Retiro (bairros próximos do centro).

Nesse panorama de profundas e contraditórias remodelações do espaço urbano, observa-se que na noite de 23 de outubro de 1928, a Rádio Sociedade Record iniciou suas transmissões às 20 horas e 30 minutos. A programação se assemelhava a das outras rádios: música, muita música executada por conjuntos de 2 “amadores”<sup>24</sup>. A Rádio Record pertencia a Álvaro Liberato de Macedo que, segundo depoimento de Paulo Machado de Carvalho, era proprietário também de uma loja de discos<sup>25</sup>. A Record começou a funcionar com uma potência de 500 watts e onda de 297 metros. Apesar de ter iniciado suas transmissões com um aparelhamento de grande alcance, pode-se notar ainda que a emissora que dominava o panorama da cidade era a Rádio Educadora, montada sob as melhores condições técnicas da época<sup>26</sup>. A programação inicial da Record era irregular. Não poderia ser de outra forma na fase de implantação.

É essencial sublinhar em nossos estudos como as três emissoras de rádio coexistiam na cidade naquele final de década. As programações tinham certa semelhança. A Record e a Cruzeiro do Sul tinham uma ligeira preponderância de músicas populares sobre as chamadas músicas clássicas ou eruditas. No entanto, a Record se aproximava mais do “trivial” da cidade, quando seu “boletim informativo” ampliava e complementava com as “últimas notícias” os simples informes que a Educadora costumava transmitir. “Notícia, hora certa, informações do tráfego e, acima de tudo informações sobre o tempo agora servem para enfatizar o poder ativo do rádio de envolver as pessoas umas com as outras”<sup>27</sup>. Se ainda não havia as informações sobre o tráfego, as informações sobre o tempo começavam a “envolver as pessoas” numa trama abrangente comum à cidade. Toda a sociedade era envolvida pela rotina urbana, pois “todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual ou físico”<sup>28</sup>.

Nessa perspectiva, cabe relacionar como a crise do capitalismo, que era no ano de 1930 sentida por todo o mundo, acentuou no Brasil o clima de tensões

acumuladas em toda a década de 20. As estações de rádio da cidade sofriam alterações prenunciando mudanças que estavam próximas. Os ouvintes passaram a identificar as estações por novos prefixos. A PRAR da Rádio Record anunciava uma hora de música popular. A PRAE da Educadora insistia nos clássicos e recitais. A Record expandia o espaço para as futuras propagandas que substituiriam as propagandas veladas do início do ano de 1930: “das 19h às 20h – hora Brunswick dedicada aos nossos sócios e ouvintes por Assunção e Cia Ltda<sup>29</sup>. “ Assunção Ltda. era uma famosa casa comercial de discos e aparelhos de rádio. Vendiam os discos que eram sugeridos pelo apresentador da Record.

Clima de expectativa no primeiro dia do mês de março de 1930. Votava-se para a presidência da República, e neste ano a disputa estava sendo “a mais renhida peleja eleitoral jamais disputada no Brasil”<sup>30</sup>. A vitória de Júlio Prestes, candidato oficial do PRP sobre o alienista Getúlio Vargas deu-se por força dos mecanismos políticos fraudulentos manipulados pelos donos da República Velha. “A capital paulista bateu o recorde mundial da fraude eleitoral nas eleições para presidente”<sup>31</sup>. Era essa a manchete de um jornal paulista ligado à Aliança Liberal.

Nessa conjuntura de profundos abalos econômicos e políticos, torna-se de importante relevância destacar como as velhas e conhecidas armas utilizadas pelo candidato oficial para derrotar Getúlio Vargas foi acrescentada por uma nova e moderna: o rádio. Entre os ricos associados da Rádio Educadora Paulista encontrava-se o Sr. Júlio Prestes. A Rádio Educadora havia irradiado durante toda a campanha a marchinha de Freire Júnior, *Seu Julinho Vem*.

Sem dúvida, a rádio Educadora se afastava dos “princípios filosóficos” que haviam aparentemente norteado a radiodifusão brasileira até aquele momento, qual seja, a radiocultura. A palavra *empresa*, por si só, já é o suficiente para identificar uma transformação na estrutura da radiodifusão paulista, com um objetivo político muito claro.

Na verdade, houve um acordo entre Júlio Prestes e Rangel Moreira, diretor da Rádio Educadora, no qual este se comprometia a não tocar no nome de Getúlio Vargas e da Aliança Liberal. Assim, trata-se de discutir como a Rádio Educadora passava a ser o porta-voz dos interesses da política paulista oficial na luta das propostas relativamente transformadoras dos tenentes e da aliança. Esta nova arma política seria utilizada novamente pelos paulistas na próxima luta que foi travada, também contra Vargas, em 1932.

## BIBLIOGRAFIA

*Teses e dissertações de História:*

- LENHARO, Alcir. Cantores do rádio, Tese de Livre docência, IFCH/Unicamp, 1995.
- BARROS, Orlando. Custódio Mesquita: um compositor romântico. O entretenimento e canção sentimental no tempo de Vargas (1930-1945). Doutorado, FFLCH/USP, 1996.
- HONÓRIO Fo. Wolney, No ar: amores amáveis. Doutorado. História/PUC-SP, 1998.
- DUARTE, Geni Rosa. Múltiplas vozes no ar: o rádio em São Paulo nos anos 30 e 40. Doutorado. História/PUC-SP, 2000.
- WEYMAR, Loiva Marinha. Mario de Andrade e a mentalidade musical no Brasil a partir do movimento modernista. (1922-1930), Mestrado. PUC-RS, 1989.
- AVANCINI, Maria M. Nas tramas da fama: as estrelas de rádio em sua época áurea. Mestrado. IFCH/Unicamp, 1996.
- GOMES, Tiago de Melo. Lenço no pescoço: o malandro no teatro de revista e na música popular; 'nacional', 'popular' e cultura de massas nos anos 20. Mestrado. IFCH/Unicamp, 1998.
- ROCHA, Francisco Alberto. Adoniran Barbosa, poeta da cidade. Mestrado, FFLCH/USP, 2001.

*Artigos em Revistas de História:*

- MORAES, José Geraldo Vinci de. "Rádio e Música Popular nos anos 30", In Revista de História, DH-FFLCH-USP, Humanitas, No. 140, 2º Semestre de 1999.
- MORAES, José Geraldo Vinci de. "Polifonia na Metrópole: História e Música Popular em São Paulo", In Revista Tempo, Universidade Federal Fluminense, vol. 10, RJ, 2001.
- AVANCINI, Maria M. "Marlene e Emilinha nas ondas do rádio. Padrões de vida e formas de sensibilidade no Brasil". In História e Perspectiva. No 3, UFUberlândia, 1989.
- MORAES, José Geraldo Vinci de. "São Paulo na Década de 1930: Cultura e Música Popular no ar". In Revista História, UNESP, v.17/18, 1998/99.
- FADUL, Anamaria - "Literatura, Rádio e Sociedade: Algumas Anotações sobre a Cultura na América Latina" In AVENBUR, Légio (org.) - Literatura em Tempo de Cultura de Massa. São Paulo, Livraria Ed. Nobel, 1984, p. 169.

*Livros*

- ALBERT, Pierre e TUDESQ, André-Jean. *História de la radio y la television*. Ed. Fondo de Cultura Económica, México. 1982.
- ARNHEIM, Rudolf. *Estética radiofônica*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1980.
- AVENBUR, Légio (org.) - *Literatura em Tempo de Cultura de Massa*. São Paulo, Livraria .Ed. Nobel, 1984
- BENJAMIM, Walter. *A obra de arte na época na época de suas técnicas de reprodução*. BERMAN, Marshall - *Tudo o que é Sólido Desmancha no Ar - A Aventura da Modernidade*. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana M. L. Ioratti. São Paulo, Companhia das Letras, 1985
- BRANCO, R.P. Castelo. *A unidade brasileira e suas causas determinantes*. Revista Cultura Política. Rio de Janeiro: DIP, abril de 1941. Pp. 87-90.
- In: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983. pp.3-28.
- CABRAL, Sérgio. *Getúlio Vargas e a música popular brasileira*. Ensaios de Opinião, 1975.
- CAMPOS, Carlos Augusto Ribeiro (org.). *Atlas Estatístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Departamento Nacional do Café, 1941.

- CAMPOS, Francisco. O estado nacional: sua estrutura, seu conteúdo ideológico. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1940.
- COHN, Gabriel. *Indústria Cultural*, (org.), SP, Cia. Edit. Nacional, 2ª edição 1975.
- DAVIS, H. P. *American beginnings*. In: CODEL, Martin (ed.) *Radio and its future*. New York: Harper & Brothers Publishers, 1930. Pp. 3-11.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*, São Paulo, Perspectiva, 2ª edição 1975.
- FEDERICO, Maria Elvira Bonavita. História da comunicação - rádio e TV no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1982.
- FONTCUBERTA, Mar de. *Medios de comunicación telemática y educación*. Revista CL&En-comunicación, lenguaje y educación. nº 14. Madrid: 1992. pp. 17-28.
- GOMES, Angela Maria de Castro. *O redescobrimto do Brasil*. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (et. alli). Estado Novo ideologia e poder. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. Pp.109-150.
- GOMES, Angela Maria de Castro. A invenção do trabalhismo. Rio de Janeiro: Vértice/ IUPERJ, 1988.
- HALE, Julian. La radio como arma política. Barcelona: Gustavo Gilli, 1979.
- HELLER, Agnes - O Quotidiano e a História. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972.
- HOBBSAWM, Eric J. *A produção em massa de tradições: Europa, 1870 a 1914*. In: HOBBSAWM, Eric J. e RANGER, Terence (orgs.) A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HORKHEIMER, M. e ADORNO, T. "Indústria Cultural como Mistificação das Massas" In Teoria da Cultura de Massas. Ed. Saga, RJ, 1969.
- LIMA, Luis Costa (org.) Teoria da cultura de massa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- LOPES, Saint Clair - Comunicação, Radiodifusão, hoje. Rio de Janeiro, Ed. Temário, 1970
- MOLES, Abraham A. *Doutrinas sobre a comunicação de massa*. In: LIMA, Luis Costa (org.). Teoria da cultura de massa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. pp. 73-100.
- LIMA, Jorge Alves. *Uma visita ao 'studio' da Rádio Record*. O Estado de São Paulo. São Paulo, 12/06/1931. P4.
- LOUCKS, Philip G. *Broadcasters interest in education radio*. In: TYSON, Levering e MACLATHY, Josephine (eds.). Education on the air and radio and education - 1935. Chicago: The University of Chicago Press, 1935.
- MADRID, André Casquel. *Aspectos da teleradiodifusão brasileira*. Tese de doutorado. São Paulo: ECA/ USP, 1972.
- MARCONDES FILHO, Ciro - "Imperialismo Cultural, o Grande Vilão da Destruição da 'nossa' Cultura" In Comunicação e Sociedade nº9. São Paulo, Ed. Cortez, 1983.
- MARCUSE, H. - "Sobre o Caráter Afirmativo da Cultura" in Cultura e Sociedade, Lisboa, Presença, 1970.
- MORIN, Edgar. Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo. São Paulo: Cia Editora Forense, 1969.
- PEDRO, Antonio ( Tota). *A locomotiva no ar: rádio na cidade de São Paulo 1924-1934*. Tese de doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, 1987.
- PEREIRA, João Baptista Borges. Cor, profissão e mobilidade: o negro e o rádio de São Paulo. São Paulo: Pioneira/EDUSP, 1967.
- REVISTA PUBLICIDADE. 1º Anuário do Rádio. Rio de Janeiro: Empresa Editora Publicidade, setembro de 1945.p.53.
- ROQUETTE-PINTO, Edgar. Seixos rolados: estudos brasileiros. Rio de Janeiro: Mendonça, Machado e Cia., 1927.
- ROQUETTE-PINTO, Edgar. Ensaios de antropologia brasileira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.
- ROQUETTE-PINTO, Edgar. Ensaios brasileiros. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

SAMPAIO, Mario Ferraz. História do rádio e da televisão no Brasil e no mundo: memórias de um pioneiro. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

SAROLDI, Luiz Carlos e MOREIRA, Sonia Virgínia. Rádio Nacional - o Brasil em sintonia. Rio de Janeiro: Funarte, 1984.

SMITH, Anthony. The shadow in the cave: the broadcasters, his audience and the state. Chicago: University of Illinois Press, 1973.

SWING, Raymond Gram. *Radio and Future*. In: TYSON, Levering e MACLATHY, Josephine (eds.). Education on the air and radio and education - 1935. Chicago: The University of Chicago Press, 1935. Pp.3-10.

VARGAS, Getúlio. A nova política do Brasil. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1938.

VARGAS, Getúlio. As diretrizes da nova política do Brasil. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1943.

TATIT, Luiz. *A canção, eficácia e encanto*. 2ª Ed. São Paulo: Atual, 1987.

TINHORÃO, José Ramos. Música popular: do gramofone ao rádio e TV. São Paulo: Ática, 1981.

WISNIK, José Miguel. *O coro dos contrários [A música em torno da Semana de 22]*. 2ª ed. São Paulo, Duas Cidades, 1983.

\_\_\_\_\_. "Getúlio da Paixão Cearense". In *Música [O nacional e o popular na cultura brasileira]*. São Paulo, Brasiliense, 1972.

#### FONTES

##### *Arquivos*

Arquivo Multimeios - Centro Cultural São Paulo

Museu da Imagem e do Som - SP

Museu Lasar Segall - SP

Arquivos Sonoros Levantados

O rádio no Brasil - Discos produzidos, em 1989, pelo Serviço Brasileiro da BBC (British Broadcasting Corporation) contendo dez programas sobre a história do rádio brasileiro.

Assim era o rádio - vol. II e vol. LXX. Fitas produzidas pela "Collector's Editora Ltda.", contendo alguns dos principais programas do rádio brasileiro.

##### *Depoimentos:*

Depoimento de Paulo Machado de Carvalho para o Arquivo Multimeios do IDART/Casa das Retortas/Centro Cultural, São Paulo, outubro de 1979.

Depoimento de Raul Duarte para o Arquivo Multimeios do IDART/Casa das Retortas/Centro Cultural, São Paulo, outubro de 1979.

Depoimentos de Nicolau Tuma, Fausto Macedo, Enrique Lobo e Programa comemorativo da Record. Arquivo MIS.

##### *Periódicos*

Correio Paulistano

Estado de São Paulo

Diário de São Paulo

Folha da Manhã

A Gazeta

Revista Brasileira (O problema do rádio, 09/1934)

Revista USP (Três movimentos musicais em torno de 1930, Décio de Almeida Prado)

*Textos de Época*

ALCÂNTARA MACHADO, Antonio - Cavaquinho e Saxofone, (Solos) - 1926-1934. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1940.

ANDRADE, Mário de - A Língua Radiofônica - Poesias Completas. São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo e Ed. Itatiaia Ltda., 1987

\_\_\_\_\_, *Dicionário Musical Brasileiro*. São Paulo: Edusp/Itatiaia, 1989.

ANDRADE, Oswald de - Marco Zero - I - A Revolução Melancólica. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

BARRETO, G. M. O projeto 392, de 1928. In: Rádio Cultura. Rio de Janeiro, 3 (20):3, 15 de janeiro de 1930.

BRANCO, R. P. Castelo. A unidade brasileira e suas causas determinantes. In: Revista Cultura Política. Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa e Propaganda, 1(2): 87-90, abril de 1941.

CALDEIRA, Nelson Mendes. Estudos sobre a radiodifusão em São Paulo. São Paulo, Federação Paulista das Sociedades de Rádio, 1942.

CALDWELL, Louis G. Radio and the law. In: CODEL, Martin (editor). Radio and its future. New York, Harper & Brothers Publishers, 1930.

CODEL, Martin (editor). Radio and its future. New York, Harper & Brothers Publishers, 1930.

LIMA, Jorge Alvez. Uma visita ao "studio" da Rádio Record", In: O Estado de São Paulo, São Paulo, 12 de junho de 1931.

LOBATO, Monteiro - América. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1959.

LOURENÇO FILHO, M. B. O rádio ao serviço da educação, In: ESPINHEIRA, Ariosto. Rádio e educação. São Paulo, Cia Melhoramentos, 1934.

MACLATHY, Josephine (editors) Education on the air and radio and education - 1935. Chicago, The University of Chicago Press, 1935.

MURCE, Renato. *Considerações de um ouvinte de rádio*. Comédia, Rio de Janeiro, nº 8, Maio 1949.

SALGADO, Alvaro F. Radiodifusão fator social, In: Revista Cultura Política. Rio de Janeiro, 1 (6): 79-93, agosto de 1941.

ZARUR, Alziro. "O rádio e sua gente". *Comédia*. Rio de Janeiro, nº 2, Julho de 1946.

Estatutos da Federação Paulista das Sociedades de Rádio. São Paulo, 8 de junho de 1934.

NOTAS

1 Seguem-se, a princípio, as idéias de moderno e modernidade contidas no instigante trabalho de Marschall Berman - Tudo o que é sólido Desmancha no Ar. Destaque-se em especial a Introdução e os Capítulos I e III. Tudo o que é Sólido Desmancha no Ar - Aventura da Modernidade. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioratti. São Paulo, Companhia das Letras, 1986. Cf. LEFEBVRE, H. - *O que é a Modernidade* in Introdução à Modernidade Prelúdios. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1969, pp.197 a 275. BENJAMIN, Walter - *A Paris do Segundo Império em Baudelaire* in Walter Benjamin - Sociologia. Org. Flávio R. Kothe e coord. Florestan Fernandes. São Paulo, Ed. Ática, 1985, pp. 44 a 122.

2 SODRÉ, Muniz - A Comunicação do Grotesco - Um Ensaio sobre a Cultura de Massa no Brasil. Petrópolis/RJ, Ed. Vozes, 1971.

- 3 “A vida cotidiana não está ‘fora’ da história, mas no ‘centro’ do acontecer histórico: é a verdadeira ‘essência’ da substância social” in HELLER, Agnes - O Quotidiano e a História. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972, p. 20.
- 4 ANDRADE Mario de. *A Língua radiofônica*. Pg. 210
- 5 HELLER, Agnes - O Homem do Renascimento. Lisboa, Ed. Presenç, 1982, p. 130.
- 6 Correio Paulistano de 23 de fevereiro de 1924, p. 4.
- 7 Correio Paulistano de 14 de junho de 1924 - Primeira Página
- 8 PAULO SOUZA, Ulhoa; CINTRA, Carvalho - “Inquérito sobre a alimentação em um bairro de São Paulo” in Revista do Arquivo Municipal, São Paulo, Departamento de Cultura e Recreação, 1935, no. 17, p. 122-130. Citado por De Decca, Maria Auxiliadora Guzzo - A vida fora das fábricas: Cotidiano Operário em São Paulo - 1927-1934, Campinas, Tese de Mestrado, Departamento de História/UNICAMP, 1983, p. 17. A autora indica que a variação de salários entre 1927 e 1934 é praticamente nula. São informações semelhantes obtidas in FAUSTO, Boris - Trabalho Urbano e Conflito Social. São Paulo, Difel, 1976, p. 166 e também em CARONE, Edgar - A República Velha (Instituições e Classes Sociais). São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1972, p. 194.
- 9 LOPES, Saint Clair - Comunicação, Radiodifusão, hoje. Rio de Janeiro, Ed. Temário, 1970, p. 21
- 10 LOBATO, Monteiro - América. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1959, p. 115
- 11 SODRÉ, Muniz - op. cit., p. 25
- 12 Cf. PEREIRA, João Batista Borges - Cor, Profissão e Mobilidade - O negro e o Rádio de São Paulo, Pioneira/Edusp, 1967, p. 50.
- 13 ROQUETTE PINTO, Edgard - Ensaio Brasileiro. São Paulo, Editora Nacional, s/d, p. 72.
- 14 Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil, 2 Tomos. Instituto Histórico e Geográfico. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1922. Cf. FEDERICO, Maria Elvira Bonavita - História da Comunicação - Rádio e TV no Brasil, Petrópolis, Vozes, 1982, p. 31.
- 15 O Estado de São Paulo de 10 de abril de 1925, p. 5. O Estado de São Paulo de 2 de abril de 1926, p. 3, publicou que não haveria irradiação na sexta-feira santa, sendo reiniciada somente na noite do sábado de Aleluia.
- 16 O Estado de São Paulo de 25 de setembro de 1926, p. 2.
- 17 BERMAN, Marshall - Tudo o que é Sólido Desmancha no Ar - A Aventura da Modernidade. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana M. L. Ioratti. São Paulo, Companhia das Letras, 1985, p. 15.
- 18 O Estado de São Paulo de 12 de maio de 1927, p. 4.
- 19 Rádio voltado para Educação
- 20 ALCÂNTARA MACHADO, Antonio - Cavaquinho e Saxofone, (Solos) - 1926-1934. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1940, p. 15.
- 21 O Estado de São Paulo de 17 de abril de 1928, p. 2.
- 22 O Estado de São Paulo de 1 de novembro de 1927, p. 3.
- 23 Idem, Ibidem
- 24 O Estado de São Paulo de 23 de outubro de 1928, p. 7.
- 25 Depoimento de Paulo Machado de Carvalho para o Arquivo Multimeios do IDART/Casa das Retortas/Centro Cultural, São Paulo, outubro de 1979.
- 26 Em depoimento para o IDART/Casa das Retortas, Raul Duarte, um dos primeiros “speakers” da Record e ligado à Paulo M. de Carvalho, afirma que “... a Educadora foi montada com todos os requintes técnicos...” outubro de 1979.
- 27 McLUHAN, M. (OP. CIT.), p. 344.
- 28 HELLER, Agnes - O Quotidiano e a História. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972, p. 17.
- 29 Correio Paulistano de 24 de janeiro de 1930
- 30 Diário de São Paulo de 1 de março de 1930, Primeira Página.
- 31 Idem, Ibidem.